

vitavelmente progressista, o esforço será de um lado para superar a obscuridade e um exercício perturbador e até mesmo desafiador para o outro. O maior consenso dessa estranha concepção de progresso é a aversão, que prevalece entre os donos da cultura, a uma realidade social efetiva, o que se traduz em uma atitude de desinteresse, servindo concretamente ao usufruto da parcela real de riqueza que também a cidadania não termine em mais uma falácia, mas construa-se ao conquistar, como reconhecimento de um direito de consumo, os bens decorrentes da prosperidade.

No Brasil, a modernidade, porque mais simulada que efetiva, não consegue superar esse tipo de tecnologia, e quando o mundo de

PARA A UFG, NOS SEUS 40 ANOS

Joel Pimentel Ulhôa*

Roland Barthes termina sua aula inaugural no Collège de France, em 1977, com uma reflexão lapidar:

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia; *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo; Cultrix, 1989, p. 47).

Creio que a história da universidade brasileira, tão recente se comparada às seculares histórias das universidades européias, poderia ser lida a partir dessas sábias palavras da aula de Barthes: passamos por uma primeira fase, muito pouco diferente dos colégios de segundo grau, em que se ensinou o que se aprendeu, vale dizer, em que se transmitiam conteúdos, conhecimentos sabidos, e os alunos eram receptores passivos dessa transmissão. Essa foi a fase, especialmente nas grandes universidades, em que o País importava da Europa mestres de notório saber que aqui vinham para *ensinar*; aí chegou a Segunda fase, a do esforço de implantação da pós-graduação, com cursos de mestrado e doutorado, em que levas de professores foram estimuladas a aprenderem a aprender ou, como diz Rubem Alves na epígrafe, a procurar saber onde encontrar. Essa foi a fase importante da nossa história universitária em que se espalhou pelo País a idéia da pesquisa e se

**“... mais importante que saber é saber onde encontrar.”
Rubem Alves**

passou inclusive a cobrar a sua prática. E aí, em seguida, vem a terceira fase, a das crises profundas no ensino público, com os cortes de verbas, arrochos na administração e na política de pessoal, com vagas não preenchidas, quadros declinantes de técnicos-administrativos e de docentes em razão de aposentadorias apressadas pelo desânimo imposto por circunstâncias sáfaras que repercutiram não só no ensino, que começava a renovar-se, como na pesquisa, cujos recursos minguaram, atingindo bibliotecas, laboratórios, bolsas, etc., e até a possibilidade de um programa regular de licenças em virtude das vagas não preenchidas nas salas de aula. Seria essa a fase da *Sapientia*, de que nos fala Barthes?

Sob um aspecto, essa terceira é, sim, a fase da *Sapientia*: a universidade tem, hoje, muito pouco poder. Na época da ditadura, do regime de 64, a universidade brasileira possuía voz ouvida e respeitada, porque teve que ser política, concentrando forças contra um inimigo poderoso, visível, com o qual terçava com valentia por convicções ideológicas e institucionais. Foi um período rico na história das entidades estudantis, e de organização, também, das entidades de professores e funcionários, - e a universidade, veiu a abertura, o poderoso inimigo se tornou invisível, as palavras de ordem, que arregimentavam todos numa luta comum, passaram a ecoar no vazio, e aquele sangue que pulsava em nossas veias e nos consagrava, no altar dos valores institucionais, como fiéis de um culto idealista e ousado, parou de latejar diante do peso da burocracia, das normas e das regras, que substituíram a palavra, a interrogação, a fé no futuro, a

**(Prof. Dr. da
Universidade Federal
de Goiás e ex-
Reitor
desta Instituição)*

comunhão. E a universidade, havendo perdido o poder, não chegou, porém, a provar o gosto da sabedoria e nem, portanto, como sonhava Barthes, a adquirir “o máximo de sabor possível”. Envelhecemos, meio cansados, - ou disso corremos sérios riscos - antes de termos sido completamente jovens.

Mas não somos decadentes - e nisso está nossa esperança e quiçá nossa salvação; querem, procurando arruinar-nos, empurrar-nos para essa coisa vil, que é a decadência. Mas temos história, temos do que nos orgulhar, temos do que recordar, temos nossos alunos, nossos funcionários, nossos professores. Isso nos afasta da insignificância, dá sentido à nossa vida e nos ajuda, permanentemente, a transformar nossos objetivos em projetos. Porque, enfim, temos uma missão a cumprir, de raízes milenares, e dela nos orgulhamos.

E é isso o que desejo hoje, nos seus quarenta anos, para a UFG: que ela consiga cumprir a sua missão cultural formando, por meio da filosofia, das ciências e das artes, o homem e o cidadão, ensinando principalmente o gosto de aprender, o gosto de saber onde encontrar e fazendo-o sempre com paixão, apesar das dificuldades, porque é isso que poderá tomá-la educadora e sábia com o passar dos anos, única coisa - o poder pouco importa, é muito fugaz mesmo... - que poderá dar ao enorme serviço que presta à sociedade, ao nosso Estado, ao Brasil, o máximo de sabor possível!

“E é isso o que desejo hoje, nos seus quarenta anos, para a UFG: que ela consiga cumprir a sua missão cultural formando, por meio da filosofia, das ciências e das artes, o homem e o cidadão, ensinando principalmente o gosto de aprender, o gosto de saber onde encontrar e fazendo-o sempre com paixão”

Joel Pimentel Ulhôa

